

DUAS GRANDES FIGURAS CAMPINEIRAS

DCP-64

Campinas artística está enlutada com o falecimento de dois conhecidos artistas conterrâneos.

A 31 de Dezembro último, fechava os olhos para sempre o exímio caricaturista Manolo Romano, cujo nome estava ligado a inúmeras realizações culturais de nossa terra. Retirando-se para São Paulo, onde residia há muitos anos, ali desenvolveu grande atividade profissional lecionando em varios colégios e trabalhando na imprensa, através da qual teve seu nome projetado nos mais distantes pontos do país.

Entretanto, apesar do êxito que coroara sua carreira artística, Manolo Romano continuava o mesmo campineiro bairrista, interessando-se por tudo quanto dizia respeito à sua cidade natal, visitando-a constantemente. Nas páginas das publicações diárias ou nas revistas de trinta anos passados, ficaram gravadas as suas habilidades artísticas, através de "charges" e calungas que sabia traçar com rara habilidade e espírito de observação, dentro de um estilo pessoal e inconfundível. Humorista espontâneo, compôs uma série de tipos interessantíssimos, onde o ridículo das atitudes juntava-se ao espírito dos diálogos, focalizando os acontecimentos mais em evidência da época. Ao lado de J. Meireles, Francisco Haddad, Juquitta e outros, fez parte do corpo de ilustradores de a "A Onda", cujo primeiro número, publicado em 1921, saiu com uma capa de sua autoria. Manolo Romano foi um artista sincero e idealista. A sua memória prestamos a nossa comovida homenagem.

Ontem à tarde, com grande acompanhamento de amigos, sepultava-se Djalma de Campos Padua, outro artista de valor cujas contingências da vida teimavam em levá-lo para ramos diferentes, contrariando sua vocação musical.

Criança ainda, alcançava sucesso exibindo-se nos concertos do Clube Mozart, fundado pelo seu progenitor, o saudoso prof. Luiz de Padua, a quem Campinas deve momentos de

grande entusiasmo artístico registrados no passado. Em São Paulo, Djalma de Padua fez o curso de interpretação com Luigi Chiazarelli, estudando harmonia e composição com o prof. João Gomes de Araujo. Seguindo para Buenos Aires, ingressou no Conservatório Nacional de Música, onde completou o curso de regência e virtuosismo alcançando o primeiro lugar. Dirigiu, depois, várias orquestras de companhias de operetas e revistas, seguindo para a Europa como pianista de bordo da Mouson Line Co. Retornando a Campinas lecionou vários anos no Colegio Progresso Campineiro. Fundou a orquestra Filarmônica e participou da Sociedade Sinfônica, da qual foi presidente. Conhecedor perfeito de seu instrumento, Djalma de Padua foi também inspirado compositor, deixando para mais de quatrocentas páginas entre poemas sinfônicos, temas regionais, hinos, fantasias e músicas de estilo americano, muitas delas executadas por seus discípulos. Escreveu ainda varias obras didáticas e de análise sobre arte musical.

Alguem já nos disse certa vez: Djalma de Padua e Manolo Romano certamente entrarão para o rol dos artistas esquecidos, depois de uma vida cheia de realizações e vitórias nas artes que cultuaram com idealismo e predestinação. Ninguém se lembrará deles daqui a algum tempo, como também fazem esquecidos Bustamante Camargo, Mario Mendes, Ormeno Gomes Francisco Chiazarelli, Raul de Castro, Nicolina Vaz e Mario Monteiro, que muito alto elevaram o nome cultural e artístico da cidade.

Mas parece que este é o destino certo daqueles que exaltaram a beleza espiritual. Nestes dias conturbados e de intenso materialismo, como são os que ora vivemos, mais do que nunca os artistas passam como os meteoros cuja trajetória risca por instantes o nebuloso do céu, enchendo-o de claridades estranhas e ofuscantes para mergulhar, depois, na região ignota do infinito.

J. Castro Mendes

Correio Popular - 4-1-56

Campinas